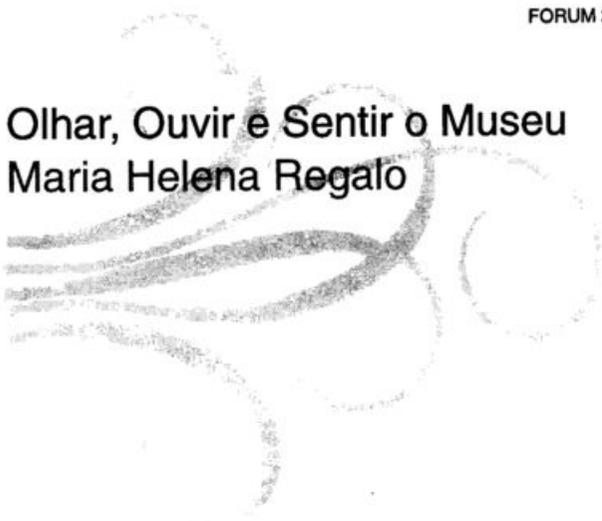


Olhar, Ouvir e Sentir o Museu

Maria Helena Regalo



Les enfants font preuve d'une intense spontanéité, d'une exceptionnelle réceptivité. Plutôt que de leur imposer le modèle culturel des responsables muséaux ou de la société dominante, on donnera carrière à leur esprit critique, à leurs capacités d'observation, à leur sensibilité.

Georges Henri Rivière, *in La Muséologie* (1989)

1

Visitar o Museu pode ser para as crianças um importante momento de apropriação e contacto com o património quando, através de uma história, uma referência, uma ideia, conseguem construir cenários mais ou menos maravilhosos, mais ou menos criativos sobre o passado. Mas este contacto torna-se mais forte e significativo se se estabelecer a comunicação apenas com um objecto de cada vez, tratando-o de uma forma interdisciplinar, lúdica e concreta ao nível dos sentidos, não restando apenas uma boa recordação de uma visita isolada ao Museu, mas sim a oportunidade de descobrir o mesmo espaço sob diferentes olhares.

Assim surgiu a ideia deste projecto OLHAR, OUVIR E SENTIR O MUSEU estabelecendo-se os seguintes objectivos: envolver num mesmo plano de colaboração as instituições Museu, Escola e Comunidade elaborando o mais possível, em parceria com a escola, as actividades a desenvolver, contando também com o apoio da comunidade (família, técnicos com formações específicas...); destruir barreiras e inibições na relação do público com o Museu, proporcionando um ambiente descontraído, lúdico e criativo, e, ao mesmo tempo, de respeito por estes objectos e espaços numa apropriação construtiva; sentir «integralmente» os objectos e os ambientes usando todos os sentidos directamente, quando não está em causa a conservação dos mesmos, ou indirectamente ouvindo sons e música, tacteando, cheirando ou saboreando outros elementos que de alguma maneira lhes estejam associados; criar atitudes, valores e critérios de apreciação através da comunicação estabelecida com os objectos, com respostas ao nível das diversas formas de expressão: plástica, musical, verbal, escrita e pelo movimento. Todas as sessões terminam com uma experiência ao nível da expressão onde a criança sintetiza e recria a sua visão sobre o objecto completando assim o ciclo da comunicação; adquirir informação, vocabulário, princípios e generalizações num processo significativo para o aluno.

2

Esta experiência iniciou-se em 1997-98, integrada no projecto, com âmbito mais alargado, Museu, Escola Comunidade, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e proposto pelo Instituto de Estudos da Criança/UM aos museus da cidade. Nesta fase experimental colaboraram seis turmas de três escolas: Escola da Ucha, freguesia de Barcelos, e Escolas de S. Vicente e S. Lázaro, de Braga, que estabeleceram a relação com quatro objectos: escultura de Apolo e Dafne, cópia do século XIX de um original de Bernini, um frasco de chá de porcelana da China do século XVIII, um «cassone» florentino com pinturas do século XV e uma pintura do século XVIII representando o porto de Nápoles sobre a qual e a título de exemplo farei uma descrição, embora resumida, mais detalhada do desenrolar das actividades a que deu origem anexando algumas imagens e uma das grelhas utilizadas como base de trabalho a todos os objectos.

Numa primeira sessão, depois de uma visita geral ao Museu para conhecer um pouco da sua história; da história do fundador e do ambiente onde o objecto a explorar está enquadrado e que serviu de motivação e primeiro contacto, a turma OLHANDO e dialogando «desmontou» a pintura do «Porto de Nápoles», medindo, descrevendo formas, cores, luz, hora do dia, falando sobre os vários elementos que a compõem: o Vesúvio, Pompeia, o farol, o golfo... abrindo assim várias hipóteses de investigação e trabalho na escola e também as asas à imaginação «Para onde iriam aqueles barcos? Que viagem iriam fazer?»

A sessão terminou com uma parte prática onde as crianças exprimiram as suas impressões numa pintura colectiva, do mesmo tamanho da original servindo posteriormente de fundo a uma maquete a trabalhar nas outras sessões.

Toda a informação foi registada numa ficha de inventário de grandes dimensões presente até ao fim, em todas as sessões.

Na segunda visita, depois de relembrarem o que foi dito e explorado sobre o objecto, «OUVIRAM» a pintura «animando» musicalmente a história da viagem; os sentimentos de quem fica, de quem vai; a tempestade, a calma; a violência da erupção do vulcão e a calma da inactividade... No fim, deram «relevos» à pintura construindo uma maquete, utilizando várias técnicas, desde a pintura, à dobragem, recorte e colagem. Esta sessão teve a colaboração da violoncelista Matilde Rocha cuja expressividade cativou a atenção dos alunos.

Numa última etapa, os alunos voltaram ao Museu e fizeram a síntese das actividades, dramatizando uma viagem nos galeões de Nápoles à Turquia e o carregamento de mercadorias tais como especiarias, sedas, porcelanas... Ouvindo vários excertos de música clássica, e através de uma linha base de orientação, os alunos movimentaram-se improvisando a viagem. Cada um no seu papel, e com adereços simples de cartão realizados com a sua participação, os alunos SENTIRAM de uma forma mais viva o objecto e aquilo que sobre ele apreenderam. Para terminar, recortaram e montaram um *puzzle* da pintura.

3

Este é apenas um exemplo das múltiplas abordagens que se podem fazer de um objecto. Outros conteúdos poderiam ser trabalhados com mais ou menos profundidade, dependendo do interesse da turma ou do professor e da sua orientação curricular. Daí ser extremamente importante o empenhamento da escola em todo o processo.

Conforme referido, outros objectos foram trabalhados por outras turmas dentro dos mesmos parâmetros e objectivos: a escultura de Apolo e Dafne, que inspirou a dramatização musical e corporal da lenda da transformação da ninfa em loureiro e a realização de jogos relacionados com os personagens, explorando sentidos como o olfacto e o tacto, fazendo referências aos materiais e às partes da planta, à sua utilização na culinária ou à simbologia de poder usada pelos imperadores e jogadores olímpicos através da banda desenhada de Asterix; um frasco de chá de porcelana da China do século XVIII, que usando como base de exploração o chá, se experimentaram vários aromas, se saboreou a bebida em chávenas de porcelana no jardim, se falou sobre a sua origem, rituais, objectos e sons com ele relacionados; uma arca florentina com pintura do século XV, representando a história de Sansão e Dalila, usada como suporte da exploração dramática e musical. Também se investigaram as peças de vestuário que lá se teriam guardado e o mobiliário da época, com a realização de uma maquete usando materiais recicláveis e uma «harpa», instrumento reproduzido na pintura de uma das tábuas.

O contacto com a comunidade ocorreu em vários momentos. No dia Internacional dos Museus, quando se realizou um recital de violoncelo por Matilde Rocha e Susana Osório, no âmbito dos dois projectos «Olhar, Ouvir e Sentir o Museu» e «Descobrir a Música», e, no fim do ano lectivo, com a exposição, na Galeria da Universidade, de todos os trabalhos resultantes da exploração dos vários objectos e a realização das dramatizações organizadas pelas turmas das escolas da cidade para as famílias que, na sua maioria, visitaram o Museu pela primeira vez, consolidando também uma colaboração proporcionada pelos pais e avós em todo o processo.

Nesta primeira experiência, depois de se terem programado as actividades numa grelha inicial, cujo exemplo se anexa, todos os passos foram registados em fichas próprias; quer para as actividades realizadas no Museu,

quer na Escola, para o próprio objecto e, num pequeno inquérito, recolhidas as reacções e opiniões dos intervenientes de forma a analisar e reflectir sobre se os objectivos foram ou não atingidos e de que forma se pode melhorar o contacto com o público infantil.

Embora o resultado global desta reflexão seja substancialmente positivo, algumas questões se colocam. Uma, que nos ultrapassa, é a dos transportes, com a dificuldade de acesso das escolas periféricas aos museus. Outra questão consiste em saber como os serviços de educação dos museus poderão contribuir para, por um lado atrair outras escolas a actividades deste tipo, e por outro, alargar a outros públicos um atendimento de maior qualidade.

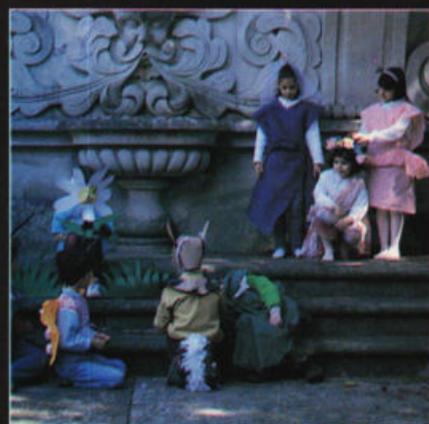
Gostaríamos que um maior número de alunos beneficiasse deste rico instrumento de trabalho que é o museu, com a sua magia e envolvimento muito próprios; e não apenas uma minoria, cujos professores se predis põem a uma colaboração estreita entre as duas instituições, contrariando a tendência geral na preferência pelas visitas normais, modelo previamente concebido, igual para todos.

Num balanço final, podemos então considerar que, lentamente, fomos conquistando o público escolar mantendo, além das visitas normais com expressão plástica e as sessões de «Música em Construção», esta proposta de trabalho «Olhar, Ouvir e Sentir o Museu».

Agora, um novo desafio se nos coloca: conquistar os pais e avós das crianças que nos têm visitado.

RECORTA AS PEÇAS E FAZ O PUZZLE





Bibliografia de consulta durante o projecto

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 1976.

BLANCO, Ángela Garcia – *Didáctica del Museo*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1994.

BOULAY, Anthony du – *La Porcelaine Chinoise*. Paris: Hachette, 1965.

CASELLI, Giovanni – *A Vida Através dos Tempos*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1987.

CULAS, Michel – *Grammaire de l'objet chinois*. Les éditions de l'amateur, 1997.

ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM, *A Mitologia*. Porto: Lello & Irmão,

ENCICLOPÉDIA PELA IMAGEM, *História do Trajo em Portugal*, Lello & Irmão, s.d.

FREIRE, Fernanda Castro – *Breve história do Mobiliário*. Casa Claudia, s.d.

GREENHILL, Eilean Hooper – *The Educational Role of the Museum*. London: Routledge, 1994

LAW, Felicia – *Vulcões*. Publicações Anagrama, 1976.

MERIN, M.ª Angeles *et al.* – *El Museo Imaginário*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, , 1991.

MORAES, Wenceslau de – *O Culto do Chá*. Lisboa: Casa Ventura.

Naples et Pompéi. Guides Gallimard, s.d.

RACINET, Albert – *Enciclopédia Histórica do Traje*. Editora Replicação, 1994

REIS, A. do Carmo, José Ruy – *História dos Barcos Portugueses*. Edições Asa, 1989.

SABINE YI *et al.* – *Le livre de l'amateur de Thé*. Paris: Robert Laffont, s.d.

VALENÇA, César – *Porcelana de Encomenda ou Louça Encomendada da China*. Braga: Forum, 2, 1987.

VALENÇA, César – Um Olhar sobre o Mobiliário do Museu Nogueira da Silva. Braga: Forum, 11, 1992.

VALENÇA, César – Um Olhar sobre as Pratas da Colecção Nogueira da Silva. Braga: Forum, 1989.

Discografia

- BRAHMS, 3.^ª *Sinfonia* (4.^º andamento). (Porto de Nápoles)
- BRAHMS, 4.^ª *Sinfonia* (1.^º, 2.^º, 3.^º, e 4.^º andamentos). (Apolo e Dafne)
- MAHLER, 1.^ª *Sinfonia «Titan»* (1.^º, 2.^º e 4.^º andamentos). (Porto de Nápoles)
- ORFF, *Carmina Burana*. (Porto de Nápoles)
- SATIE, Erik, *Peças para piano*. (Apolo e Dafne)
- SAINT-SAËNZ, *Camille, Sansão e Dalila*, Ópera em 3 actos. (Arca)
- SCHUBERT, 8.^ª *Sinfonia* (1.^º andamento). (Porto de Nápoles)
- SEGRÉIS DE LISBOA, *La Portingaloise*, Música do Tempo dos Descobrimentos. (Arca)
- UEN, Jin Long *et al.*, *Budhist Chants/Peace Music* (Music for reflection and relaxation from the Far East). (Frasco de Chá)

Nota

O Museu Nogueira da Silva agradece ao Instituto de Estudos da Criança (IEC); às Professoras Doutoradas Patrícia Fontes e Eduarda Coquet e a toda a equipa do MEC (Museu, Escola, Comunidade), o empenhamento neste projecto; à Fundação Calouste Gulbenkian e ao Governo Civil de Braga os apoios financeiros; às Professoras Ana M.^ª Pereira (Ucha), Aurora Barroso (Ucha), Maria Emília Maia (S. Vicente), Maria Filomena Duarte (Ucha), Rosa Neto (Ucha) e Susana Rocha (S. Lázaro) e respectivos alunos a abertura e interesse com que colaboraram neste projecto dando-lhe toda a razão de existir; à Violoncelista Matilde Rocha que, com música, ajudou a sentirem melhor o Museu e a toda a equipa do Museu que, com prazer, abriu as portas.

GRELHA DE ACTIVIDADE DO MUSEU

Projecto: Olhar, Ouvir e Sentir o Museu

Tema: Pintura do Porto de Nápoles

Público: Escola da Ucha-3.º ano

Sessões	Objectivos	Conteúdos	Concretização	Duração	Material	Avaliação
1.ª	<p>Olhar e Sentir</p> <p>Dialogar, imaginar, apreciar</p> <p>Pesquisar sobre os elementos da pintura</p> <p>Aquisição de informação e vocabulário</p>	<p>«Desmontar» a pintura: formas, luz, cor, tema</p> <p>Pesquisar sobre: o vulcão, Pompeia</p> <p>Os barcos, o forte, o mar</p>	<p>Ficha de leitura do objecto</p> <p>Olhar/recriar: pintura individual ou colectiva</p>	120 m	<p>Ficha de leitura do objecto</p> <p>Bibliografia</p> <p>Papel</p> <p>Tinta</p>	<p>Ficha</p> <p>Pinturas</p> <p>Registo de atitudes</p>
2.ª	<p>Olhar e Sentir</p> <p>Dialogar, imaginar, apreciar</p> <p>«Animar» musicalmente a pintura</p>	<p>«Ouvir a natureza», o vulcão, o mar, a batalha, a paz...</p>	<p>«Dar relevo» à pintura-maqueta.</p> <p>«Ouvir» a pintura</p>	120 m	<p>Papel</p> <p>Tinta</p> <p>Gravador</p>	<p>Ficha</p> <p>Pintura</p> <p>Registo de atitudes</p>
3.ª	<p>Sentir</p> <p>Expressar pelo movimento</p>	<p>Inventar uma história para aquele cenário</p>	<p>Dramatização da história</p>	cerca de 120 m	<p>Adereços realizados na escola</p>	<p>Ficha</p> <p>Registo de atitudes</p>